

**CONTAR COMO LEMBRAR E ESQUECER: INTRODUÇÃO AO MEMORAR
ROSIANO A PARTIR DE UM OLHAR SOBRE A NARRATIVA DO *GRANDE
SERTÃO: VEREDAS***

Ana Maria Albernaz (Doutora em Poética - UFRJ)

O que lembro, tenho. Venho vindo de velhas alegrias.

Neste pequeno trecho da fala de Riobaldo, se demonstra a concepção de memória que pauta e conduz o seu narrar; e o reencontramos semelhante, em pelo menos mais dois momentos: “Me alembro, meu é.” (GSV, p.433), e ainda mais significativo: “– “Carece de ter coragem... Carece de ter muita coragem...” – eu relembrei. Eu tinha.” (GSV, p.555). Lembrar é possuir, portanto, tornar próprio.

Em carta datada de 17 de junho de 1963, Guimarães Rosa comenta com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clausen (2003), a impropriedade da tradução para o inglês dessa frase, como figurava na edição norte-americana: “*My memories are what I have*”. Segundo sua opinião, o tradutor, na sua tarefa, havia operado uma verdadeira traição diluente do sentido poético que buscara na criação.

... a afirmação é completamente diferente... Riobaldo quer dizer que a memória é para ele uma posse do que ele viveu, confere-lhe propriedade sobre as vivências passadas, sobre as coisas vividas. Toda uma estrada metafísica pode ter ponto-de-partida nessa concepção. E o que os tradutores entenderam, chatamente, trivialmente, foi que Riobaldo empobrecido, em espírito, pela vida, só possuísse agora, de seu, suas lembranças. Um lugar-comum dos velhos. Justamente o contrário. Viu? Tanto mais que, seguindo-a imediatamente, a pequenina frase que completa é, no original: “Venho vindo, de velhas alegrias”. E eles verteram: “*I am beggining to recall bygone days.*” Aí toda a dinâmica e riqueza irradiadora do dito se perderam! Uma pena. Tudo virou água rala, mingau. (*idem*, p.114)

Memorizar é apropriar-se de vida na dimensão temporal que a constitui. Fluxo pleno de experiência, denso da originalidade que a propicia, intenso pelas possibilidades que resguarda. Isto quer dizer que a vida recobrada na memória é vida animizada, eficaz e não a recuperação de um passado mortificado, inoperante, cujo sopro não faz mais que realçar sua circunstância pretérita. Se fosse assim, estaríamos exatamente na situação aludida por Rosa, e presente na tradução citada, na qual as vivências passadas se constituem como depósito, “baú de lembranças” a que uma vida desvalida recorre, a partir da sua indigência,

quando quer revistar o perdido. O que provém desta atitude é o que se denomina nostalgia de algo que foi e não volta mais. O que pertence ao passado e dele é prisioneiro, do ponto de vista do presente, é inalcançável, incomunicável; portanto, praticamente, já não existe. Este modo de rememorar por mais que represente uma revisita da vida é uma operação calculada, que pretende saber o futuro e toma o passado como o esgotado, consumido, finalizado. É o alento derradeiro. Assim, está longe de ser matéria geradora, ou ainda, a “matéria vertente” que flui na narração de Riobaldo.

Ao separar e demarcar o que é passado e o que é presente, se mantém completamente emudecida qualquer possibilidade futura.

Mas o problema não é só esse: há uma possibilidade mortificada de vida que só pode ser lembrada e nunca memorada, porque como vida momentânea e oportunista, que se engole até a última gota no momento em que é vivida, não deixa sementes por vir, é incapaz de gerar-se vida a partir da memória. Na narrativa do *Grande Sertão: Veredas*, o “baú de lembranças” se transforma em “saquinho de relíquias” (GSV, p.435) – a partir dele o passado é permanente presença, não sendo destituído porque não é vivido no agora do presente, idealização do que passou como os “bons tempos que não voltam mais”. Passado é, então, o inexoravelmente perdido, irrecuperável, aquilo que está encerrado. Ao olhar para trás o que se enxerga é uma vida que morreu, o que dá a medida de uma dor pela perda.

A continuidade da frase valorizada por Guimarães Rosa no seu comentário a Meyer-Clausen indica a concepção que fundamenta todo o memorar de Riobaldo: “Venho vindo, de velhas alegrias.” (GSV, p.260). Originariamente move Riobaldo uma corrente e um trânsito que está sempre em reiteração de movência. As “velhas alegrias” vêm à toda, sempre velhas e alegres. Velho não é aqui o oposto de recente, nem sinônimo de desgastado, mas tem o sentido de permanência e longevidade e pertence ao âmbito daquilo que Susana Kampf Lages (2002) entende por “saudade”: vasos comunicantes ou “passagens” que proporcionam “choques de temporalidade, abrindo lapsos no tempo, que funcionam como “lampejos de eternidade” (p.50). E a alegria, mais rosiano de todos os sentimentos, como indica Maria Lucia Guimarães (2004), é força de alavancagem para a transformação, consciência de realização e daí, confiança no aberto do futuro.

Nesse sentido a frase que suporta as velhas alegrias a que se refere Riobaldo se relaciona apropriadamente à lembrança da primeira visão de Otacília na Fazenda Santa

Catarina. No encontro inaugural seu destino de vinculação se anuncia e assim permanece. Mesmo sendo sua realidade realizada na narrativa, Otacília é projeção na vida de Riobaldo, configurada sendo como vir a ser, concretizando no concretizar. Engendrada no passado, seu encontro amoroso é promessa de destino por vir, mas em andamento, que se vislumbra desde o nascedouro claro, firme, apaziguado.

Distintamente Nhorinhá é realidade que na sua perfeição manteve algo por realizar, nela se resguarda a semente do passado, em vias de ser esquecido, e que no entanto não é, renascendo desde a narrativa de Riobaldo que em busca da verdade do real, reencontra e reinstaura o perdido, reabastecendo a vida. Por isso ao receber a carta de Nhorinhá, passados tantos anos de seu único encontro, Riobaldo soube que “estava gostando dela, de grande amor em lavaredas;” (GSV, p.133). Não era este um amor idealizado, mas amor verdadeiro que tendo sido guardado, germinou, floresceu retornado.

O destino de Riobaldo não é mais vinculado a Otacília, do que a Nhorinhá, sua destinação se inscreve em ambas as mulheres como realidade, que, realizada ou não, é forte o bastante para ser presente. A diferença entre a conexão com o passado e a conexão com o futuro, que marca e distingue os dois encontros, é só a que existe entre os dois nomes que designam a mesma flor: “dorme-comigo” ou “casa-comigo”¹, desdobramentos de uma mesma realidade.

A partir do presente, o passado se instaura novamente, o futuro se inaugura. Otacília e Nhorinhá estão firmes no presente de Riobaldo, perfazendo o “decorrido formoso” (GSV, p.485) que merece ser narrado. A primeira “sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucuia, mas que é rio de braveza.” (GSV, p.439), provê a serenidade. A segunda sendo um passado tão vigoroso, que de sua lembrança deriva o empenho que

1 “Mas, na beira da alpendrada, tinha um canteirozinho de jardim, com escolha de poucas flores. Das que sobressaíam, era uma flor branca – que fosse caeté, pensei, e parecia um lírio – alteada e muito perfumosa. E essa flor é figurada, o senhor sabe? Morada em que tem moças, plantam dela em porta da casa-de-fazenda. De propósito plantam, para resposta e pergunta. Eu nem sabia. Indaguei o nome da flor.

– “Casa-comigo...” – Otacília baixinho me atendeu. E, no dizer, tirou de mim os olhos; mas o tiritozinho de sua voz eu guardei e recebi, porque era de sentimento. Ou não era? Daquele curto lisim de dúvidas foi que minou meu mais querer. E o nome da flor era o dito, tal, se chamava – mas para os namorados respondido somente. Consoante, outras, as mulheres livres, dadas, respondem: – “Dorme-comigo... “Assim era que devia de haver de ter de me dizer aquela linda moça Nhorinhá, filha de Ana Duzuza, nos Gerais confins; e que também gostou de mim e eu dela gostei. Ah, a flor do amor tem muitos nomes. Nhorinhá prostituta, pimenta-branca, boca cheirosa, o bafo de menino pequeno”. (GSV, pp.261-262)

motiva e sustenta o contar de Riobaldo. A verdade do contar a matéria vertente que se produz na narrativa é o mesmo lugar presente que contém Otacília e Nhorinhá.

Mas o que é nesse presente a neblina que é Diadorim? Nem casa-comigo, nem dorme-comigo, para Diadorim o nome da flor é “liroliro”², praticamente “nonada”. O que Diadorim propicia não é o laço com o futuro, nem o laço com o passado, nem o presente que enlaça e contém ambos. Diadorim doa a própria força vertiginosa da vertência, confusão de ritmo e pulsação da própria vida, e a disposição de sua aprendizagem. Proveniente da encoberta neblina, a vertência do tempo dá sustança à memória, se realizando tanto como passado para ser lembrado ou esquecido, como do que é abertura de futuro, sempre desconhecido.

Diadorim favorece o verter da matéria. Nela se encontra Riobaldo vivendo, os acontecimentos, o sertão, enquanto visibilidade, e Diadorim presenteador. Pois Diadorim, além de doador do presente, é ele mesmo também o presente doado. Assim é que podemos recolher na luminosidade e evidência próprias da vertência desvelada, que é a narrativa de Riobaldo, demonstrações da sua doação de passado e de futuro.

Como doador de passado, Diadorim pergunta a Riobaldo acerca da Bigri, sua mãe:

– “Riobaldo, se lembra certo da senhora sua mãe? Me conta o jeito de bondade que era a dela...” Na ação de ouvir, digo ao senhor, tive um menos gosto, na ação da pergunta. Só faço, que refugo, sempre quando outro quer direto saber o que é próprio o meu no meu, ah. Mas desci disso, o minuto, vendo que só mesmo Diadorim era que podia acertar esse tento, em sua amizade delicadeza. Ao que entendi. Assim devia de ser. Toda mãe vive de boa, mas cada uma cumpre sua paga prenda singular, que é a dela e dela, diversa bondade. E eu nunca tinha pensado nessa ordem. Para mim, minha mãe era a minha mãe, essas coisas. Agora, eu achava. A bondade especial de minha mãe tinha sido a de amor constando com a justiça, que eu menino precisava. E a de, mesmo no punir meus demaseios, querer-bem às minhas alegrias. A lembrança dela me fantasiou, fraseou – só face dum momento – feito grandeza cantável, feito entre madrugada e manhecer. (GSV, p.272).

Como doador do futuro, Diadorim descreve para Riobaldo o que lhe estava sendo preparado, na sua união à Otacília:

2. “Confusa é a vida da gente; como esse rio meu Urucuia vai se levar no mar. Porque, no meio do momento, me virei para onde lá estava Diadorim, e eu urgido quase aflito. Chamei Diadorim – e era um chamado com remorso – e ele veio, se chegou. Aí, por alguma coisa dizer, eu disse: que estávamos falando daquela flor. Não estávamos? E Diadorim reparou e perguntou também que flor era essa, qual sendo? – perguntou inocente. – “Ela se chama é liroliro...” – Otacília respondeu.” (GSV, p.262-263)

– “... Você se casa, Riobaldo, com a moça da Santa Catarina. Vocês vão casar, sei de mim, se sei; ela é bonita, reconheço, gentil moça paçã, peço a Deus que ela te tenha sempre muito amor... Estou vendo vocês dois juntos, tão juntos, prendido nos cabelos dela um botão de bogari. Ah, o que as mulheres tanto se vestem: camisa de cassa branca, com muitas rendas... A noiva, com o alvo véu de filó...” Diadorim mesmo repassava carinho naquela fala. Melar mel de flor. E me embebia – o que estava me ensinando a gostar da minha Otacília. Era? Agora falava devagarinho, de sonsom, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse. Altas borboletas num desvoejar. Como se eu nem estivesse ali ao pé. (GSV, p.535)

Nessas estórias, a cristalização do tempo em passado, presente e futuro se converte em fluxo temporal reunidor, e assim os acontecimentos se tornam can(con)táveis. E porque a poesia se fundamenta e se perfaz na criação, dá-se o mútuo pertencimento da poética narrativa de Riobaldo e o tempo criador, gerador da matéria vertente.

Contar como lembrar e esquecer, *Grande Sertão: Veredas* se abandona nesse passo. Deixa-se levar pela dinâmica da vertência, não errático, mas errante, atento aos sinais das lembranças, e respeitando os vazios do esquecimento. Os silêncios, as interrupções, o aprofundar em minúcias, os entrançamentos que norteiam (e desnorteiam) a narrativa são manifestação não somente do vai-e-vem dos fatos, mas do ritmo inesperado dos afetos marcando os modos como são assimilados e tornados tempo-experiência. “Mire veja: sabe por que é que eu não purgo remorso? Acho que o que não deixa é a minha boa memória. A luzinha dos santos-arrepentidos se acende é no escuro. Mas, eu, lembro de tudo.” (GSV, p.198). Riobaldo – Raskolnikov sem culpa, segundo Rosa (DGL, p.96) – se absolve na rememoração, não por um artifício de inventar uma estória que o redima, mas como verdade que se realiza na linguagem, vida que se reconhece. O tempo vertente que supre memória e fornece a matéria, lembrada e perdida, exigindo ser contada, o lança nessa empreitada com espírito, conforme sugere o alemão Vupes. Com a mesma disposição de pontaria certa, se descobre jagunço e sertão, destino a atravessar, correspondência à doação: estreita associação entre o que se conta e o modo como se conta.